

REPERTÓRIO
LIVRE

VESTÍGIOS DE MEMÓRIA

MEMORY TRACES

RASTROS DE LA MEMORIA

OLÍVIA CAMBOIM ROMANO

ROMANO, Olívia Camboim.
Vestígios de memória.
Repertório, Salvador, ano 22, n. 33, p. **236-252**, 2019.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv0i33.32365>

RESUMO

Este artigo é resultado da pesquisa intitulada *Vestígios de luz e sombra: estudo com licenciandos de Teatro sobre a noção de cenografia a partir de memórias das primeiras experiências teatrais*, desenvolvida em 2018.2 e 2019.1 na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o objetivo de investigar o impacto dos aspectos visuais dos primeiros espetáculos teatrais assistidos pelos estudantes de licenciatura em Teatro da UFS e de que maneira essas experiências estéticas influenciam na percepção deles sobre o significado de cenografia. A coleta de dados foi efetuada de acordo os princípios da investigação *quali-quantitativa*. Assim, além de conversas informais, foi realizada uma enquete com os discentes. O estudo revelou, dentre outras questões, que a assiduidade teatral dentre os estudantes é relativamente baixa, apesar de ter ocorrido um aumento discreto na frequência após o ingresso no curso. Além disso, indicou que os parâmetros de espetáculos são predominantemente locais e os temas que destacam a cultura nordestina são os preferidos. Assim, apesar disso ou graças a isso, a ideia deles de cenografia ultrapassa os espetáculos grandiosos e abarca também as produções visualmente mais simples, bem como os espetáculos realizados fora do edifício teatral convencional.

PALAVRAS-CHAVE:

Cenografia. Teatro.
Licenciatura. Memória.
Sergipe.

ABSTRACT

This article is a result of the research entitled Vestiges of light and shadow: study with Theater licensees on the notion of scenography from the first theater experiences, developed in 2018.2 and 2019.1 at the Federal University of Sergipe (UFS), with the objective of to investigate the impact of the visual aspects of the first theatrical spectacles watched by UFS Theater students and how these aesthetic experiences influence their perception of the meaning of scenography. Data collection was performed according to the principles of qualitative-quantitative research. Thus, in addition to informal conversations, a questionnaire was carried out with the students. The study revealed, among other issues, that the theatrical attendance among the students is relatively low, although there was a discrete increase in the frequency after enrollment in the course. In addition, he indicated that the parameters of spectacles are predominantly local and the themes that highlight the Northeastern culture are preferred. Thus, in spite of this or because of this, their idea of scenography goes beyond grandiose spectacles and also encompasses visually simpler productions as well as spectacles performed outside the conventional theatrical building.

KEYWORDS:

Scenography. Theater.
Undergraduation. Memory.
Sergipe.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación titulada Vestígios de luz e sombra: estudo com licenciandos de Teatro sobre a noção de cenografia a partir de memórias das primeiras experiências teatrais, desarrollada en 2018.2 y 2019.1 en la Universidad Federal de Sergipe (UFS), con el objetivo de investigar el impacto de los aspectos visuales de los primeros espectáculos teatrales a los que asistieron los estudiantes universitarios de Teatro de la UFS y cómo estas experiencias estéticas influyen en su percepción del significado de la escenografía. La recolección de datos se realizó de acuerdo con los principios de la investigación cualitativa y cuantitativa; por lo tanto, además de las conversaciones informales, se realizó una encuesta con los estudiantes. Entre otros temas, el estudio reveló que la asistencia al teatro entre los estudiantes es relativamente baja, aunque ha habido un ligero aumento en la asistencia después de la inscripción. Además, indicó que los parámetros de los espectáculos son predominantemente locales y se prefieren los temas que resaltan la cultura del nordeste brasileño. Por lo tanto, a pesar o gracias a esto, su idea del diseño del escenario va más allá de los espectáculos grandiosos y también abarca las producciones visualmente más simples, así como las realizadas fuera del edificio teatral convencional.

PALABRAS CLAVE:

Escenografía. Teatro. Graduación. Memoria. Sergipe.



INTRODUÇÃO

ESTE ARTIGO é resultado da pesquisa, desenvolvida em 2018.2 e 2019.1 na Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulada *Vestígios de luz e sombra: estudo com licenciandos de Teatro sobre a noção de cenografia a partir de memórias das primeiras experiências teatrais*. O objetivo principal foi investigar o impacto dos aspectos visuais dos primeiros espetáculos teatrais assistidos pelos estudantes de licenciatura em Teatro da UFS e de que maneira essas experiências estéticas influenciam na percepção deles sobre o significado de cenografia. Além disso, este estudo também teve como propósito conhecer o perfil dos estudantes do curso, levantar dados sobre os aspectos visuais dos primeiros espetáculos teatrais assistidos por eles e analisar suas concepções de cenografia.

A coleta de dados foi efetuada de acordo os princípios da abordagem qualitativa. Esse tipo de investigação, segundo Minayo (2001, p. 22):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais

profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerando que os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, são complementares, em outubro de 2018, foi lançada, na ferramenta Formulários Google, uma enquete *on-line* com os estudantes da licenciatura em Teatro da UFS. Em seguida, constatada a baixa adesão dos discentes, mesmo após o envio de mensagens via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), foram aplicados questionários em papel (impressos) com parte dos matriculados nos componentes curriculares Cenografia, História do Teatro Brasileiro e Maquiagem Teatral. No início do semestre letivo seguinte, entre abril e maio de 2019, o mesmo questionário foi aplicado *on-line* com as turmas de Estética e História da Arte I, Indumentária no Teatro e Teatro de Formas Animadas I. Cabe mencionar que os nomes dos respondentes dessas enquetes, por questões éticas, são confidenciais.

Apesar dos esforços de mobilização, apenas 32% dos estudantes regularmente matriculados no curso participaram do estudo, ou seja, 65 respondentes dentre as 205 pessoas com matrícula ativa. Embora essa porcentagem seja relativamente baixa, essas enquetes seguramente fornecem informações qualitativas e quantitativas.

Os resultados dos dados obtidos a partir dessas enquetes, inclusive as impressas, trasladadas posteriormente para o Formulários Google, foram analisados com o auxílio do próprio aplicativo. Tais enquetes, compostas por perguntas abertas e fechadas, diziam respeito às primeiras experiências como espectador, a partir das lembranças mais vivas sobre os aspectos visuais dos espetáculos assistidos, e buscaram perceber os vínculos que esses espectadores fazem do que viram com sua atual noção de cenografia.

TEATRO, UM LUGAR DE ENCONTRO

A raiz etimológica da palavra “teatro” provém do termo grego “theatron”, que quer dizer “lugar para ver”, e do verbo “thea”, que significa ver. Assim sendo, desde as origens do teatro ocidental na Grécia Antiga (c. 776-323 a.C.) até os dias atuais, como confirma o estudioso alemão Hans-Thies Lehmann (2007), o teatro é considerado um lugar do olhar.

A origem latina da palavra “espectador” está vinculada ao verbo “spectare”, que tem sentido de mirar ou olhar. À vista disso, o espectador é o assistente, o observador e o participante do evento teatral, a testemunha desse acontecimento fugaz e irrepetível.

O teatro, além de ser um lugar para ver, é também uma zona de encontro com o outro e consigo próprio, um espaço de prazer coletivo e individual simultaneamente. A possibilidade de diferentes pontos de vista, múltiplas percepções sobre uma mesma obra, é uma das marcas distintivas do teatro. Segundo a pesquisadora francesa Marie-Madeleine Mervant-Roux (2002), essa dissonância não é problemática, pois o prazer do espectador não se limita à compreensão precisa do que aconteceu no espetáculo. A satisfação proporcionada pelo teatro está intimamente ligada à possibilidade de os artistas e espectadores darem vazão à imaginação enquanto criadores do acontecimento teatral; pois o espectador também é um criador na medida em que ele completa a obra do artista com a sua imaginação.

Para o encenador russo Vsevolod Emilevich Meyerhold (1992, p. 148, tradução nossa), “[...] o espectador que vai ao teatro deseja ardentemente, ainda que de forma inconsciente, esse trabalho da fantasia, que às vezes se transforma dentro dele em um trabalho de criação [...]”. Mervant-Roux (2006, p. 8), fazendo referência às acepções de espectador de vários cenógrafos, inclusive Meyerhold, faz a seguinte pergunta: “Alguém poderia vê-lo seriamente como o ‘primeiro companheiro do ator’, como um ‘quarto criador’?”.

O professor, crítico teatral e teórico argentino Jorge Dubatti (2007), em conformidade com essa ideia de que tanto os artistas como os espectadores são criadores,

explica que a criação do espectador é dirigida e a criação do artista é fundadora, pois o espectador realiza a sua criação a partir da recepção da obra, e não antes.

Ainda de acordo com o crítico argentino, o teatro é o lugar do acontecimento poético-corporal em convívio. O convívio teatral é “[...] a reunião de artistas, técnicos e espectadores em uma encruzilhada territorial e temporal cotidiana (uma sala, a rua, um bar, uma casa, etc. no tempo presente), sem intermediação tecnológica que permita a subtração territorial dos corpos no encontro”. (DUBATTI, 2014, p. 124, tradução nossa) Segundo essa perspectiva, mesmo que um espetáculo teatral contenha diferentes mídias, a presença dos corpos em convívio não pode ser eliminada, pois, nesse caso, se trataria de “tecno convívio”, e não de convívio. Na contemporaneidade, há diversos espetáculos que mesclam convívio e “tecno convívio”, pois essa fusão gera infinitas possibilidades poéticas.

“A familiaridade com diferentes mídias [...] leva alguns espectadores a considerarem, equivocadamente, melhores os espetáculos que empregam bastante tecnologia e a associarem as obras desprovidas de tecnologia à pobreza de recursos e não a uma intenção política e/ou poética”. (ROMANO apud DUBATTI, 2018, p. 41)

É possível dividir o evento teatral, enquanto acontecimento convivial, em quatro momentos: pré-teatral, teatral, intermediário e pós-teatral. Para os espectadores, o pré-teatral diz respeito à preparação para o convívio em si, incluindo o contato com os vendedores ambulantes nos arredores do teatro, os momentos em que estão na fila para aquisição de ingressos e/ou para acessar a sala de espetáculo e a espera para o início da peça junto com os demais espectadores. Para os artistas e técnicos, o convívio pré-teatral envolve desde a pré-produção, os ensaios, as passagens de luz, a elaboração da maquiagem, até a concentração nas coxias antes de entrar em cena. O convívio teatral inicia quando os espectadores, os artistas e os técnicos se reúnem no espaço teatral. Nos teatros convencionais, esse início é marcado pelo soar dos três sinais e o final, em geral, se dá com o fechamento das cortinas e os aplausos subsequentes dos espectadores. Segundo Dubatti (2007, p. 59, tradução nossa), “[...] no convívio a pessoa percebe nos espectadores o espetáculo da emoção ou do aborrecimento, da simpatia ou da rejeição, da atenção ou da descontração e o desejo de ir embora [...]”. O convívio intermediário refere-se aos intervalos dos espetáculos. O convívio pós-teatral, por sua vez, diz

respeito aos breves encontros dos espectadores com os atores nas saídas dos teatros para uma saudação, por exemplo, e debates entre artistas e espectadores.

No Brasil, há registros de atividades teatrais desde meados do século XVI, com as ações catequizadoras da Companhia de Jesus, que não tinham preocupação com a linguagem cênica. Os jesuítas foram expulsos do país no século XVIII e, de lá para cá, diferentes movimentos que contribuíram imensamente com o desenvolvimento do teatro nacional aconteceram. Mas, desde o início da década de 1970, percebemos um crescente esvaziamento das salas teatrais (DESGRANGES, 2010) e as estatísticas oficiais comprovam que essa crise ainda está longe de ser superada; pois, proporcionalmente, a população frequenta pouquíssimo o teatro.

A pesquisa *Sistema de Indicadores de Percepção Social – Cultura*, por exemplo, efetuada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2010, em que foram entrevistadas 2.770 pessoas em todos os estados do Brasil revelou que 59,2% da população nunca vão ao teatro, circo e *shows* e 25,6% frequentam raramente. No que diz respeito à frequência de práticas culturais por faixa de idade, 0,6% dos jovens frequentam todos os dias, 19,3% pelo menos uma vez por mês e 79,4% raramente ou nunca.

Diante desses dados e com inspiração em um exercício de memória proposto pelo pesquisador francófono Jean-Gabriel Carasso (1998) sobre o primeiro contato de seus leitores com o teatro em suas reflexões sobre mediação teatral, várias questões motivam a elaboração desta pesquisa, tais como: o que leva alguns jovens, atualmente, a procurar um curso de licenciatura em Teatro em Sergipe? Com que idade eles foram ao teatro pela primeira vez? Quem os acompanhou nessa primeira ida ao teatro? Esse primeiro contato foi na escola? Eles frequentam habitualmente o teatro? A lembrança desse primeiro contato é prazerosa?

Segundo Fabrizio Cruciani (1994), em geral, a primeira imagem que associamos à palavra “teatro” é a do edifício teatral convencional. Mas, considerando que a cidade de Aracaju abriga o Mamulengo de Cheiroso desde 1978 e o Grupo Teatral Imbuauça desde 1977, considerado o coletivo de teatro de rua mais antigo do país ainda em atividade, será que os estudantes da UFS, sujeitos desta pesquisa, também associam a palavra “teatro” ao edifício teatral convencional?

De acordo com a professora e cenógrafa inglesa Pamela Howard (2015, p. 125), “a integração da composição com a cor permite que o artista atraia o olhar do espectador para os pontos focais de cada cena durante o progresso do espetáculo”. Os aspectos visuais do espetáculo, dentre outros fatores, possuem a capacidade de direcionar o olhar do espectador, estabelecer a atmosfera e evocar a força emocional de uma obra. Quais as lembranças das imagens e sensações desse primeiro contato com o teatro os estudantes da terra do artista japatubense Artur Bispo do Rosário (1909-1989) guardaram? Eles lembram das formas e cores dos figurinos e das maquiagens dos atores, por exemplo?

De acordo com José Carlos Serroni (2013, p. 27-28, grifo do autor):

[...] um dos problemas enfrentados pelos cenógrafos na contemporaneidade é que grande parte do público desconhece o significado da cenografia no espetáculo. Um público acostumado às novelas de televisão, às cidades cenográficas, [...] que vê no cinema os efeitos extraordinários de um *Senhor dos anéis*, parece querer ver também no teatro a ‘grandiosidade’ como cenografia.

Desse modo, esta pesquisa pretendeu fornecer as respostas adequadas à solução das seguintes problemáticas propostas: qual o impacto dos aspectos visuais dos primeiros espetáculos teatrais assistidos pelos estudantes de licenciatura em Teatro da UFS e de que maneira essas recordações influenciam na percepção deles sobre o significado de cenografia?



A ENQUETE

Conforme mencionado anteriormente, dentre os 205 estudantes regularmente matriculados no curso, 65 concordaram em participar deste estudo, isto é, 32% dos discentes. A participação de homens e mulheres foi equilibrada, uma vez que 44,6% (29 pessoas) se declararam do sexo¹ masculino

1 As questões da enquete são, majoritariamente, de múltipla-escolha, com resposta única, em que se considerou apenas uma das opções assinaladas pelos respondentes.

e 52,3% (34 pessoas) do sexo feminino, e apenas 3,1% (2 pessoas) se declararam de outro sexo.

A maior parte dos respondentes, 60% (39 pessoas), é constituída por jovens com idades entre 18 e 25 anos, seguidos de 18% com idades entre 31 e 39 anos, 10,8% com idades entre 26 e 30 anos, 6,2% com 40 anos ou mais e apenas 4,6% (3 pessoas) com 17 anos ou menos.

A enquete revelou que 62,5% dos respondentes já tinham participado de um curso, oficina ou *workshop* de teatro antes de ingressar no curso, ou seja, mais da metade já estava familiarizado com os princípios básicos do teatro. Inclusive, em conversa informal com os calouros, muitos contaram que participavam de grupos teatrais em suas cidades, no interior do estado.

Questionados sobre a frequência com que assistiam a espetáculos teatrais antes de ingressarem na licenciatura em Teatro da UFS, uma única pessoa (1,5% dos respondentes) afirmou que assistia a espetáculos uma vez por semana, 32,3% (21 pessoas) responderam que raramente iam ao teatro, 15,4% (10 pessoas) assistiam a espetáculos apenas duas vezes por semestre, 15,4% somente uma vez por mês, seguidos de 10,8% (7 pessoas) que iam ao teatro duas vezes por mês, 7,7% (5 pessoas) que assistiam a espetáculos uma vez por ano, 4,6% (3 pessoas) uma vez por semestre, 3,1% (2 pessoas) não assistiam a espetáculos nunca e 1,5% (1 pessoa) só via pela *internet*, ou seja, de fato, 3 pessoas não iam ao teatro nunca.

Com o intuito de verificar se a partir do ingresso ocorreu aumento da assiduidade, os estudantes foram questionados sobre a frequência com que assistem a espetáculos teatrais após o ingresso na licenciatura em Teatro da UFS e 21,5% (14 pessoas) afirmaram ver espetáculos duas vezes por semestre, 16,9% (11 respondentes) assistem a espetáculos duas vezes por mês, 13,8% (9 pessoas) uma vez por semestre, 13,8% uma vez por mês, 4,6% (3 pessoas) raramente, 4,6% (2 pessoas) nunca e 3,1% (2 pessoas) uma vez por ano.

Como se pode perceber, de modo geral, ocorreu um aumento na frequência ao teatro. A análise individualizada das respostas revelou que são raros os casos dos estudantes, sobretudo entre os veteranos, que mantiveram a frequência ou

abaixaram. A maioria aumentou suas idas ao teatro a partir do início da graduação. No entanto, entre os calouros, há quem nunca foi ao teatro. Em conversa informal com eles, nas primeiras semanas de aula do semestre 2019.1, alguns contaram que sonham em ser atores e trabalhar como atores/atrizes na televisão e/ou no cinema. Apesar de haver estudantes totalmente decididos e satisfeitos com a escolha do curso, alguns revelaram que escolheram a licenciatura em Teatro porque era uma das únicas possibilidades frente sua nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A cena teatral de Aracaju, com cerca de 570 mil habitantes, segundo uma impressão inicial, não é tão efervescente em comparação com outras capitais do Brasil que possuem população análoga, como Florianópolis, em Santa Catarina, com cerca de 470 mil habitantes, especialmente no que diz respeito a quantidades de teatros públicos e espetáculos em cartaz. No entanto, há oferta de espetáculos teatrais mensalmente em Aracaju e região metropolitana, inclusive na própria UFS. Além disso, de modo geral, no circuito universitário e/ou alternativo, os ingressos são gratuitos ou com preços populares.

Dentre os espetáculos sergipanos, criados por grupos desvinculados da universidade, apresentados gratuitamente no auditório da reitoria da UFS, desde o início desta pesquisa até o presente momento, destacam-se *Senhora dos restos*,² em novembro de 2018, e *Billie Holiday, a canção*,³ em junho de 2019.

Cabe destacar que a programação cultural da Aldeia Sesc de Artes 2019, realizada pelo Departamento Regional do Serviço Social do Comércio (Sesc), de meados de junho ao início de julho de 2019, também viabilizou diversos espetáculos gratuitos para a população de Aracaju e região metropolitana, tais como *Vulcão*, do Grupo Caixa Cênica, na Reciclaria Casa de Artes, e *Mar de fitas, nau de ilusão*, do Imbuaça, na Praça Fausto Cardoso, dentre outros. Outro evento relevante para a cena cultural aracajuana que mereceu destaque nesse período foi o Arraiá do Povo, organizado pelo governo de Sergipe em 2019, realizado de 20 a 30 de junho na Orla de Atalaia, que, como parte dos festejos juninos, integrou em sua programação peças como *Menina Miúda* do grupo A tua lona. A região conta ainda com o Festival de Artes de São Cristóvão (Fasc), realizado pela Prefeitura Municipal de São Cristóvão em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFS, em que, em

2 O monólogo tem direção de Irandilson Bispo, texto de Euler Lopes, atuação de Isabel Santos, iluminação de Denys Leão e operação de trilha de Fernanda Neves.

3 O monólogo musical, de Hunald de Alencar, sob direção de Raimundo Venâncio, é interpretado pela cantora e atriz Tânia Maria, e tem iluminação de Denys Leão.

novembro de 2018, em sua 35^a edição, foi possível conferir gratuitamente espetáculos como *O figo da figueira*,⁴ do grupo Mamulengo de Cheiroso, dentre outros.

Os principais teatros públicos de Aracaju são: o Teatro Atheneu, inaugurado em 1954, considerado o espaço teatral mais antigo do estado de Sergipe, com capacidade para 800 espectadores; o Teatro Tobias Barreto (TTB), inaugurado em 2002, com 1.328 poltronas; e o Teatro João Costa, inaugurado em 2014, com capacidade para 100 pessoas. A cidade possui ainda importantes espaços públicos fechados para reformas, como o Teatro Lourival Baptista, o Teatro do Conservatório de Música de Sergipe e o auditório do Centro de Cultura e Arte (Cultart) da UFS.

Cabe mencionar que, nas páginas do Teatro Atheneu e do Teatro Tobias Barreto, é possível participar de enquetes sobre os gêneros teatrais preferidos. No caso do Teatro Atheneu,⁵ dentre as opções comédia, monólogo, drama, infantil e outros, no dia 9 de julho de 2019, dentre os 730 votos, a comédia foi destacada com 63,84%, seguida de 11,64% registrados para drama, 11,23% para outros gêneros, 9,4% para infantil e apenas 4,25% para monólogo. No caso do Teatro Tobias Barreto,⁶ dentre as opções drama, comédia, *stand-up*, musical e infantil, no dia 9 de julho de 2019, dentre os 1.828 votos, a maioria (37,4%) foi registrada para comédia, seguida de 24,18% para *stand-up*, 22,43% para musical, 8,37% para drama e 7,99% para infantil. Apesar de a enquete ser falha, já que um mesmo internauta pode participar da enquete ilimitadamente, a iniciativa do governo de Sergipe é interessante e revela as preferências de seus potenciais frequentadores.

Além disso, considerando que três importantes espetáculos locais de destaque são monólogos – *Senhora dos restos*, *Billie Holiday* e *Vulcão* –, talvez por menor custo de produção, o baixíssimo interesse por monólogos, revelado na pesquisa do Teatro Atheneu, não deve ser ignorado pelos teatros locais, ou seja, por aqueles que praticam teatro na região. Cabe citar que muitos calouros, em conversas informais nas primeiras semanas de aula do semestre 2019.1, revelaram que adoram *stand-up comedy*, peça teatral cômica sobre o cotidiano representada por um único ator, em geral em pé.

Em conversas informais com os discentes do curso, foi possível perceber que suas referências de espetáculos são majoritariamente locais, com exceção de poucos

4 A peça, sob direção de Augusto Barreto, é um conto popular recolhido por Sílvia Romero e teatralizado por Aglaé Fontes.

5 Ver em: http://www.teatroatheneu.se.gov.br/?acao=enquete_resultado&id=3, acessado em 9 de julho de 2019.

6 Ver em: http://www.ttb.se.gov.br/?acao=enquete_resultado&id=6, acessado em 9 de julho de 2019.

estudantes, especialmente os que são oriundos de outros estados. As obras que tratam de temas que dialogam com a realidade nordestina e sergipana são muito valorizadas por eles. Um exemplo disso foi o tema escolhido, em votação feita em 2019.1, pelos discentes para o trabalho final interdisciplinar de Indumentária no Teatro e Iluminação para o Teatro: Nordeste sem clichê futurista.

Considera-se que a oferta de espetáculos, inclusive gratuitos, não é uma justificativa para a baixa frequência teatral, apesar de alguns estudantes terem apresentado, nas respostas da enquete, argumentos como “Aqui em Sergipe a frequência depende da oferta. Sempre que existe a possibilidade, eu estou lá. Antes e depois de ingressar no curso.” ou “Sempre que tem oportunidades na cidade. Varia a oferta e a procura”. Assim, uma possível justificativa para a frequência limitada detectada na enquete com os licenciandos deve-se ao fato de que muitos deles residem em cidades do interior, apesar de estudarem no *campus* de São Cristóvão, a cerca de dez quilômetros do centro de Aracaju. Outro motivo possível para essa baixa frequência são os assaltos em pontos de ônibus e dentro do próprio transporte coletivo na capital e região metropolitana, assunto sempre comentado entre os estudantes nas rodas de conversa informais. Essa violência urbana, certamente, os inibe de saírem de casa, sobretudo à noite. A notícia boa é que, de acordo com o Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Aracaju (Setransp), em novembro de 2018, foi registrada uma redução significativa de assaltos a ônibus em relação aos anos de 2016 e 2017. (GRANDE..., 2018)

Em relação à idade em que os licenciandos em Teatro da UFS assistiram pela primeira vez a um espetáculo de teatro, a maior parte (32,3%) foi entre os 7 e os 10 anos de idade, 21,5% foram com 6 anos ou menos, 18,5% foram entre os 15 e os 19 anos, 13,8% entre os 11 e os 14 anos, 7,7% entre os 20 e os 24 anos de idade, 4,6% não sabem responder (3 pessoas) e apenas 1,5% (1 pessoa) assistiu pela primeira vez a um espetáculo teatral após os 25 anos de idade.

A maioria dos respondentes – 30 pessoas (46,1%) – foi ao teatro pela primeira vez com a escola, seguidos de 16 (24,6%) que foram com a família, 8 (12,3%) que foram ao teatro pela primeira vez com os amigos, 4 (6,2%) foram com a igreja, 4 (6,2%) não sabem responder e 3 (4,6%) foram sozinhos.

Esses dados são bastante distintos do levantamento feito com os participantes da aula inaugural da Escola de Espectadores de Porto Alegre (Eepa), em 2015, que, segundo sondagem apresentada por Olívia Camboim Romano na sua tese de doutorado *Escola de Espectadores de Buenos Aires: uma pesquisa participante sobre mediação teatral no cenário portenho* (2018), 34,6% foram levados ao teatro pela primeira vez pela escola e 30,8% foram acompanhados pela família, ou seja, uma diferença relativamente pequena. No entanto, na presente pesquisa, conforme os dados citados, é possível afirmar que os estudantes de Teatro da UFS tomaram o primeiro contato com o teatro por meio da escola. Assim, reforça-se a ideia do papel imprescindível da escola como mediadora. De acordo com as palavras do professor Flávio Desgranges (2010, p. 66-67):

[...] especialmente sua responsabilidade acerca da qualidade dessa experiência, porque, quando o encontro com o teatro é encarado como um dever, uma obrigação escolar, essa aproximação pode tornar-se um momento profundamente desinteressante. É fundamental que a relação do espectador em formação com o teatro não seja a do aluno que cumpre uma tarefa imposta, mas a do sujeito que dialoga livremente com a obra, elabora suas interrogações e formula suas respostas. Isso faz que os mediadores culturais estejam cada vez mais preocupados em tornar (ou simplesmente manter) a ida ao teatro uma atividade que seja, antes de tudo, prazerosa.

Em relação a essa responsabilidade da qualidade da experiência teatral pelos escolares, conforme apontado por Desgranges (2010), felizmente, 87,7% dos respondentes (57 pessoas) afirmaram que a lembrança desse primeiro contato com o teatro é prazerosa, 9,2% (6 pessoas) não lembram e apenas 3,1% (2 pessoas) disseram que a lembrança não é prazerosa. Avaliando individualmente essas respostas, foi possível observar que um desses respondentes que disse não ter uma lembrança prazerosa foi com a família pela primeira vez ao teatro e outro não lembra quem foi seu primeiro mediador, sendo que ambos não se recordam de nada do que assistiram.

Questionados sobre qual a primeira imagem que lhes vem à cabeça quando pensam em teatro, 32,3% (21 pessoas) assinalaram que sua primeira associação é um grupo de teatro, o que se revela bastante coerente com a realidade teatral sergipana, especialmente aracajuana, que, conforme mencionado anteriormente, abriga dois grupos teatrais com mais de 40 anos de existência e de relevância nacional. Dentre os demais respondentes, 16,9% (11 pessoas) marcaram um ator ou uma atriz, 15,4% (10 pessoas) responderam um espetáculo na rua – numa praça, ao ar livre etc. – e apenas 12,3% (8 pessoas) indicaram um edifício teatral convencional.

Ao final da enquete, os licenciandos foram questionados sobre quais lembranças eles guardam das imagens e sensações do primeiro contato com o teatro. Curiosamente, alguns desses relatos revelam que os respondentes atuaram no espetáculo e não eram espectadores nesse primeiro contato com o teatro. Apesar de acreditar que as respostas seriam mais ricas se a pergunta se referisse às lembranças mais remotas, independentemente de ser o primeiro espetáculo assistido, foi possível ter um panorama dessas associações, em geral de encantamento, deslumbramento e satisfação, com algumas descrições apresentadas que, recorrentemente, citam figurinos coloridos, cenários grandes e coloridos, luzes, canto e dança. Alguns depoimentos mencionam espetáculos de cunho religioso e outros com propostas estéticas mais regionalistas, como o seguinte: “[...] era algo árido, cores cruas, tecidos de tramas selvagens, pó no rosto como que poeira, falas severas sobre realidades duras, um luz quente, mas que afastava as pessoas delas mesmas... Secura, poesia sertaneja”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que a assiduidade teatral dentre os estudantes é relativamente baixa, apesar de ter ocorrido um aumento discreto na frequência após o ingresso na licenciatura em Teatro da UFS, seja porque parte deles reside em cidades do interior e, nesses locais, a oferta é escassa, seja pelo medo da violência urbana, ou, quiçá, seja por preguiça mesmo. Além disso, indicou

que os parâmetros de espetáculos são predominantemente locais e, inclusive, os temas que destacam a cultura nordestina e, especialmente, sergipana são os preferidos. Assim, apesar disso ou graças a isso, a percepção deles de cenografia ultrapassa os espetáculos grandiosos, digamos assim, e abarca também as produções visualmente mais simples, bem como os espetáculos realizados fora do edifício teatral convencional, em ruas e praças, por exemplo.

A pesquisa detectou que o que leva alguns jovens atualmente a procurar um curso de licenciatura em Teatro em Sergipe, inicialmente, é o desejo de fazer teatro. A vontade de ser professor de teatro é construída com o tempo, ao longo do curso.

A maioria dos estudantes foi ao teatro pela primeira vez na infância, levados, principalmente, pela escola. Essa informação reforça a responsabilidade da escola sobre a qualidade desse encontro como principal mediadora e a necessária atenção para a formação de jovens espectadores.

O desdobramento, portanto, desta investigação será um estudo de viabilidade de abertura de uma Escola de Espectadores em Aracaju, nos moldes da Escola de Espectadores de Buenos Aires (Eeba), levando em conta a realidade local, bastante distinta, evidentemente, da capital argentina, considerada hoje um polo teatral mundial. Desse modo, os resultados desta pesquisa são passíveis de serem utilizados como subsídios em discussões relativas ao ensino-aprendizagem do teatro como um todo, contribuindo, inclusive, com a melhoria da educação básica de Aracaju e região metropolitana e, quem sabe, com o ensino do Teatro no Brasil.



REFERÊNCIAS

CARASSO, Jean-Gabriel. Mediateurs en chaîne. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE SOCIOLOGIE DU THÉÂTRE (5, 1997, Mons, Bruxelles). *La médiation théâtrale: Actes du 5^o Congrès International de Sociologie du Théâtre organisé à Mons (Belgique) mars 1997*. Belgique: Lansman, 1998, p. 27-29.

- CRUCIANI, Fabrizio. *Arquitectura teatral*. México, D.F.: Gaceta, 1994.
- DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- DUBATTI, Jorge. *Filosofía del Teatro I: convivio, experiencia, subjetividad*. Buenos Aires: Atuel, 2007.
- DUBATTI, Jorge. *Filosofía del teatro III: el teatro de los muertos*. Buenos Aires: Atuel, 2014.
- GRANDE Aracaju registra redução recorde de assaltos a ônibus. A8. Aracaju, 13 dez. 2018. Disponível em: <https://a8se.com/sergipe/noticia/2018/12/150952-grande-aracaju-registra-reducao-recorde-de-assaltos-a-onibus.html>. Acesso em: 9 jul. 2019.
- HOWARD, Pamela. *O que é cenografia?* São Paulo: Ed. SESC SP, 2015.
- IPEA. *SIPS - Sistema de Indicadores de Percepção Social: cultura*. Brasília, DF: IPEA, 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/101117_sips_cultura.pdf. Acesso em: 10 set. 2013.
- LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- MERVANT-ROUX, Marie-Madeleine. *Figurations du spectateur: une réflexion par l'image sur le théâtre et sur sa théorie*. Paris: L'Harmattan, 2006.
- MERVANT-ROUX, Marie-Madeleine. *L'assie du théâtre: por une étude du spectateur*. Paris: CNRS, 2002.
- MEYERHOLD, Vsevolod Emilievic. Historia y técnica en el teatro. In: HORMIGÓN, Juan Antonio (org.). *Meyerhold: textos teóricos*. 2ª ed. Madrid: Asociación de Directores de Escena de España, 1992. p. 135-199.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ROMANO, Olívia Camboim. *Escola de espectadores de Buenos Aires: uma pesquisa participante sobre mediação teatral no cenário portenho*. 2018. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- SERRONI, José Carlos. *Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo*. São Paulo: Ed. Sesc SP, 2013.

OLÍVIA CAMBOIM ROMANO: é doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS).